

# RÚSSIA E EUA TROCAM OLHARES ENQUANTO PRIGOZHIN SEGUE PARA MOSCOU

Por M. K. Bhadrakumar\*



*O presidente americano, Joe Biden, e o presidente russo, Vladimir Putin, durante a cúpula EUA-Rússia em Villa La Grange em 16 de junho de 2021 em Genebra, na Suíça (Peter Klaunzer/Keystone via Getty Images).*

*As eleições de 2024 na Rússia (em maio) e nos EUA (novembro) estão gerando pressões, restrições e obrigações comparáveis para ambas as lideranças.*

Às vezes, deseja-se que Winston Churchill também tenha deixado uma citação perene em relação à diplomacia russa, semelhante à sua épica sobre a política russa, que ainda permanece imbatível – “As intrigas políticas do Kremlin são comparáveis a uma luta de buldogues debaixo do tapete. Um forasteiro só ouve o rosnado e, quando vê os ossos voando por baixo, fica claro quem ganhou.”

O desafio do chefe renegado da Wagner, Yevgeny Prigozhin, ao regime na Rússia aparentemente se transformou em uma luta de buldogues. A última que ouvimos é que o [oligarca está de volta à Rússia](#) e possivelmente indo para Moscou. Os loquazes comentaristas russos ficaram em silêncio.

Isso coincide, estranhamente, com uma revelação sensacionalista da *NBC News* sobre a diplomacia Track-2 entre americanos e russos sobre a guerra na Ucrânia. O vazamento da mídia em Washington coincidiu com uma declaração conciliatória do Kremlin de que Moscou está aberta a uma troca de prisioneiros envolvendo o jornalista do *Wall Street Journal*, Evan Gershkovich. As autoridades russas

permitiram que o embaixador americano visitasse Gershkovich na prisão pela primeira vez na sexta-feira.

Desde então, o conselheiro de segurança nacional dos EUA, Jake Sullivan, respondeu que “estamos preparados para fazer coisas difíceis para levar nossos cidadãos para casa, incluindo trazer Evan de volta”. As trocas de prisioneiros tradicionalmente criavam uma sensação de “bem-estar” no relacionamento russo-americano e forneciam um cenário para coisas sérias a serem negociadas.

Mas a retórica russa continua aquecida. Imediatamente após as ações de Prigozhin, em 27 de junho, um antigo especialista do Kremlin, professor Sergey Karaganov, presidente honorário do Conselho de Política Externa e de Defesa da Rússia, escreveu um artigo provocativo intitulado [\*A Difficult but Necessary Decision\*](#) (“Uma decisão difícil, mas necessária”, sem tradução para o Brasil) no *Russia Global Affairs*, argumentando que, para Moscou, a melhor forma de forçar o Ocidente a recuar será restaurar o medo da escalada atômica! Karaganov tem uma mente dialética, como testemunharia qualquer um que o conhecesse.

Por outro lado, uma semana depois, Ivan Timofeev, uma estrela em ascensão entre os especialistas em política externa ligados ao Kremlin, interveio para moderar as palavras assustadoras de Karaganov. Em um artigo apresentado pela RT financiada pelo Kremlin, intitulado [\*Why Russia and the US will never go back to the pre-2022 state of affairs\*](#) (“Por que a Rússia e os EUA nunca voltarão ao estado de coisas anterior a 2022”, sem tradução no Brasil), Timofeev lembrou que se a atual crise nas relações Rússia-EUA culminou ao longo do tempo na crise de hoje, isso deve ser atribuído principalmente à “diplomacia ativa de Vladimir Putin para construir relações construtivas com os EUA e a UE em todas as frentes” – que se baseava em sua esperança de que “a área da ex-URSS permaneceria um campo neutro de cooperação”. A esperança de Putin se desvaneceu quando “tornou-se gradualmente claro que haveria cada vez menos inclusão (por parte do Ocidente) em relação à Rússia”.

No entanto, o que me deixou sem fôlego foi um artigo publicado em 2 de julho no diário do governo russo *Rossiyskaya Gazeta*, intitulado [\*The Era of Confrontation\*](#) (“A Era do Confronto”, sem tradução no Brasil), escrito por ninguém menos que Dmitry Medvedev, ex-presidente da Rússia e vice-presidente do Conselho de Segurança (o *Politburo* pós-soviético). Medvedev é tudo menos um homem unidimensional, como mostraram sua presidência e suas relações amigáveis com os líderes ocidentais. Medvedev concluiu seu ensaio da seguinte forma:

*“De fato, estamos prontos para buscar compromissos razoáveis, como o presidente da Rússia disse repetidamente. Eles são possíveis, mas com o entendimento de vários pontos fundamentais. Em primeiro lugar, nossos interesses devem ser levados em consideração ao máximo: não deve haver mais anti-Rússia em princípio, caso contrário, tudo terminará muito mal mais cedo ou mais tarde. O regime nazista de Kiev deve ser aniquilado... O que o substituirá, não sabemos, nem o que restará do antigo Independent (Ucrânia). Mas o Ocidente terá que aceitar isso.*

*“Em segundo lugar, todos os resultados duramente conquistados do confronto total devem ser consolidados em um novo documento como a Lei de Helsinque (1975) ...*

*Em terceiro lugar, é provável que seja necessária uma remontagem cuidadosa da ONU e de outras organizações internacionais. Isso só é possível com total respeito pelos direitos dos membros permanentes do Conselho de Segurança...”*

O sinal do ensaio de Medvedev é que o humor russo está mudando descontroladamente. Parece haver pressões e contrapressões por parte de grupos de interesse. O fator “X” hoje é até que ponto o caso Prigozhin afetará a mudança de humor (Sullivan deu uma resposta intrigante quando perguntado sobre isso na sexta-feira: “Com relação à questão de saber se as ações recentes de Prigozhin e as consequências disso criam novas aberturas ou oportunidades: não posso dizer que percebi isso diretamente, mas, claro, esta é uma história que continua a ser escrita dia após dia. Portanto, teremos que ver como as coisas continuarão em Moscou.”)

## DIPLOMACIA TRACK-2

De acordo com a [divulgação da NBC News](#), o ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergey Lavrov, reuniu-se com um grupo de ex-funcionários de segurança nacional dos EUA em abril em Nova York por várias horas “com o objetivo de lançar as bases para as negociações para acabar com a guerra na Ucrânia”.

O relatório dizia: “Na agenda estavam algumas das questões mais espinhosas da guerra na Ucrânia, como o destino do território controlado pela Rússia que a Ucrânia pode nunca ser capaz de liberar e a busca por uma rampa diplomática indescritível que poderia ser tolerável para ambos os lados ... as discussões ocorreram com o conhecimento do governo Biden, mas não sob sua direção.”

De olho no público doméstico, talvez, Jake Sullivan, ao confirmar a reunião de Lavrov em Nova York, acrescentou a ressalva de que a “reunião não contou com a participação do governo dos Estados Unidos. O governo dos Estados Unidos não passou mensagens nessa reunião. O governo dos Estados Unidos não procurou exercer a diplomacia – direta, indireta ou de outra forma – por meio dessa reunião, ponto final”.

O [briefing de Sullivan](#) na Casa Branca na sexta-feira antes da viagem de Biden à Europa para participar da cúpula da OTAN (11 a 12 de julho) em Vilnius foi visivelmente “diplomático” tanto no tom quanto no conteúdo, destacando que a cúpula não “será um marco, mas a Ucrânia ainda tem passos que precisa tomar antes de ingressar na OTAN”.

Sobre a OTAN dar garantias de segurança à Ucrânia, Sullivan defendeu: “Não acho que Vilnius será o lugar onde colocaremos o enredo final. Ele continuará a evoluir à medida que avançamos.” Essencialmente, Sullivan sinalizou que o presidente Biden ainda não desenvolveu um pensamento que foi ao ar durante uma entrevista na Casa Branca com Fareed Zakaria, da CNN, na sexta-feira (transmitida em 9 de julho).

A partir dos detalhes disponíveis, Biden aparentemente deixou claro que a Ucrânia está longe de estar pronta para ingressar na OTAN; nem há unanimidade entre os aliados da OTAN sobre se devem ou não trazer a Ucrânia para a família no meio

de uma guerra. Biden ponderou que, mesmo que a Ucrânia se qualifique para a adesão à OTAN, que é um longo processo em si, uma das coisas que os EUA podem fazer é fornecer segurança à Ucrânia para se defender, como faz para Israel – ou seja, “se se houver um acordo de paz, se houver um cessar-fogo, se houver um acordo de paz”.

Os EUA estão em um dilema, já que a ofensiva ucraniana na qual tantas esperanças foram colocadas não conseguiu decolar. Os militares russos frustraram com sucesso os ataques ucranianos, causando pesadas baixas. Em nenhum momento durante a ofensiva de um mês as forças ucranianas conseguiram chegar perto das fortificações russas em camadas. Cerca de 20.000 soldados ucranianos morreram até agora e uma parte significativa do armamento que Kiev recebeu do Ocidente foi destruída.

Centenas de milhares de soldados russos com enormes quantidades de blindados se posicionaram do outro lado da fronteira com a Ucrânia, prontos para uma ofensiva massiva. Uma grande concentração de tropas russas perto da região norte de Kharkov é ameaçadora. Com efeito, não há nada que impeça Moscou de derrotar os militares ucranianos e criar novos fatos no terreno.

Isso pode explicar as palavras tranquilizadoras de Sullivan na coletiva de imprensa: “O presidente foi muito claro desde o início deste conflito sobre duas coisas que têm sido inabaláveis. Primeiro, os Estados Unidos não vão entrar em guerra com a Rússia na Ucrânia. E segundo, os Estados Unidos não estão fornecendo armas para a Ucrânia atacar a Rússia. Não encorajamos ou permitimos ataques ao território russo a partir da Ucrânia ... (estes) dois preceitos fundamentais foram verdadeiros desde o início, permanecem verdadeiros hoje e serão verdadeiros amanhã também”.

No entanto, não há consenso dentro da aliança sobre o caminho a seguir. De fato, o desânimo está aparecendo, à medida que as recriminações entre os aliados da OTAN estão surgindo. Biden vetou a candidatura do secretário de Defesa britânico, Ben Wallace, como próximo secretário-geral da OTAN. A linha *hawkish* (agressiva) do Reino Unido causa inquietação em Washington (veja [esta matéria](#) do *Politico* de 8 de julho de 2023)

Em outros lugares, funcionários ucranianos amargurados [estão reclamando](#) que foram enganados. Os aliados bálticos dos EUA e a Polônia também estão em perigo, enquanto a Europa Ocidental está entrando em crise. A turbulência na França pode se espalhar.

Também para Biden pessoalmente, as incertezas são muito agudas, já que sua candidatura à reeleição não está dando certo na opinião doméstica e o Comitê de Nomeação Democrata tem um trabalho nada invejável de coordenar uma estratégia para estabelecer uma “marca partidária” vencedora. Claramente, a prioridade de Biden é, de uma forma ou de outra, manter a guerra por procuração até novembro de 2024. O que significa que a Rússia não deve vencer a guerra e matar repentinamente o sistema de aliança transatlântica; A Ucrânia não deve perder a guerra para que não ocorra uma derrocada como a do Afeganistão; e,

mais importante, conseguir tudo isso sem colocar “botas no chão” que o povo americano nunca aprovará.

Moscou sente que Jake Sullivan, sendo o gerente eleitoral de fato de Biden, tem um papel crucial para garantir que a guerra na Ucrânia permaneça equilibrada. Mas então, as eleições de 2024 na Rússia (em maio) e nos EUA (novembro) estão gerando pressões, restrições e obrigações comparáveis para ambas as lideranças. O que deveria ter sido uma coisa boa a acontecer idealmente, mas está longe de ser o caso aqui.

Para ter certeza, Putin pode ouvir o rugido áspero da opinião pública na Rússia exigindo um esforço militar total para acabar com a guerra nos termos de Moscou. A guerra de atrito atingiu seu fim lógico. Isso também é uma demanda importante de Prigozhin.

Publicado no [Indian Punchline](#).

---

*\*M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*

---